

# Narrativas da modernidade: de Baudelaire a Mário de Andrade

Guilherme Carvalho da Rosa

Aluno da Disciplina de Sociologia da Comunicação:

Cultura e Comportamento Contemporâneos 2006/1

Professor Juremir Machado da Silva

---

**Resumo:** O artigo a seguir tem o objetivo de realizar um estudo comparativo entre duas produções literárias com relação a suas percepções sobre o tempo moderno. As obras são *O Pintor da Vida Moderna*, de Charles Baudelaire, e *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*, de Mário de Andrade. O parâmetro para estas percepções foi a relação dos personagens com o espaço urbano das duas cidades descritas nas obras: Paris e São Paulo. Em um primeiro momento procurou-se observar a descrição destes espaços em cada obra e posteriormente observar as congruências entre as duas narrativas que remetem ao deslumbramento, à percepção estética e ao hedônico como experiências modernas.

---

**Palavras-chave:** modernidade, Baudelaire, Macunaíma

## 1. Introdução

O texto a seguir tem o propósito de realizar um estudo comparativo entre duas produções literárias com contextualizações distintas, mas com diversas congruências com relação à percepções sobre a vivência da modernidade como uma insatisfação. A discussão tem relação com o embate epistemológico protagonizado por diversos autores, dentre eles Jean François Lyotard, que ao final dos anos 70 deu início a discussão da vivência de um tempo pós-moderno de “crise do saber científico” (Lyotard, 2004 p. 71) como uma estrutura de deslegitimação. Esta crise, afirma o autor, multiplica-se desde o final do século XIX e se constitui em um panorama agonístico formado pelos diferentes jogos de linguagem cujas regras “não possuem legitimação em si mesmas” (2004, p. 17).

O texto de Lyotard, apoiado em toda a discussão que provocou em torno do tensionamento da necessidade ou não da delimitação de um novo tempo, a esta discussão soma-se autores como Anthony Giddens, David Harvey, Stuart Hall e outros, será o parâmetro de análise destas duas produções literárias de contextos bastante diferentes quanto à época de produção e objetivos, mas que trazem premissas interessantes sobre como a visão do tempo moderno foi se constituindo como insatisfação, sobretudo através da sensibilidade de diversos artistas que exerceram, e ainda exercem, um papel profético na identificação destas insatisfações. São inúmeros os exemplos, nas artes e na filosofia, desta insatisfação. No entanto, para fins de análise iremos restringir nossa observação sobre estes dois recortes: o ensaio *Pintor da Vida Moderna* de Charles Baudelaire, publicado em cinco edições do jornal francês *Le Figaro*, no ano de 1863, e uma das principais obras do modernismo brasileiro, *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* do escritor Mário de Andrade. O primeiro recorte é um exemplo largamente utilizado para a discussão da vivência da modernidade. Apesar de não ser o texto que inaugura a utilização do termo “moderno”, *O Pintor da Vida Moderna* pode ser considerado

um de seus exemplos mais proeminentes, como relata Tereza Cruz (1993, p. 63) no pós-fácio da edição portuguesa do ensaio por ter sido uma das primeiras tentativas de teorizar e identificar a vivência deste tempo. Baudelaire é um autor emblemático para o início das discussões do moderno. Seus textos embasaram um dos trabalhos mais importantes de Walter Benjamin, precursor do pensamento crítico da Escola de Frankfurt, juntamente com Adorno e Horkheimer. Especialmente o texto que pretendemos utilizar nesta análise é largamente utilizado para inaugurar construções teóricas contemporâneas sobre a pós-modernidade, como a de Stuart Hall e sua análise sobre a identidade cultural na pós-modernidade (2002). Já a obra de Mário de Andrade não é um exemplo muito conhecido para embasar esta discussão, no entanto traz elementos que tornam possível uma leitura do moderno, agregando elementos de um recorte latino-americano e essencialmente regionalizado sobre a percepção do moderno e, sobretudo, com respeito à insatisfação com “as narrativas totalizantes”. São duas obras que trazem semelhanças, mas, sobretudo, contextos e percepções diferentes que devem ser considerados nesta análise. É correto salientar que este texto não tem a pretensa de fornecer uma análise substancial das duas obras, mas apenas fornecer algumas aproximações entre duas obras, em caráter ensaístico.

## **2. Perceber o moderno através dos espaços urbanos**

Em acordo com esta primeira aproximação, nosso desafio será o de identificar em cada produção literária as visões e descrições do tempo moderno e, a partir daí, identificar semelhanças e particularidades em cada recorte. Como definição metodológica desta análise, em um primeiro momento, serão abordadas as duas produções de forma individual para o fornecimento de algumas percepções dos autores sobre a vivência do tempo moderno. No entanto, é necessário que identifiquemos, neste momento, o balizamento para identificação destas vivências. Como este texto não tem o objetivo de uma análise complexa das produções, nossa especificidade será a relação dos personagens com os espaços urbanos. A escolha deste parâmetro não é gratuita e está condicionada a estreita relação dos autores com o espaço geográfico das narrativas. Baudelaire tem uma estreita relação com o urbano ao descrever a figura do *flâneur*, personificada no protagonista da história imerso na cena parisiense do século XIX. Assim como Mário de Andrade que possui uma relação marcante com a cidade de São Paulo, não apenas constatada em *Macunaíma*, mas também no livro *Paulicéia Desvairada* lançado no mesmo ano da Semana de Arte Moderna, em 1922. Esta relação indissociável com o urbano, além de balizar nossa análise, constitui uma das primeiras congruências das duas obras e um cenário para uma comparação de duas percepções do moderno.

Uma segunda aproximação será a identificação de semelhanças e especificidades das

duas obras com relação à percepção do moderno. Neste momento será feita a comparação entre as produções literárias com relação à observação dos contextos. Para este desdobramento será necessário utilizarmos dois conjuntos de proposições teóricas: um para dar conta da concepção do moderno a partir de Charles Baudelaire, como uma das primeiras concepções sobre esta vivência, como construção principal destacamos a obra de Walter Benjamin e outras discussões posteriores, e outro conjunto para contextualizar a obras de Mário de Andrade a partir de uma perspectiva latino-americana trazida por autores como Jorge Larraín. Este traz uma importante contribuição onde contextualiza historicamente a modernidade nos países latinos e identifica a vivência de uma modernidade tardia, diferente da narrativa européia. São duas concepções de modernidade distintas e nosso objetivo será o de perceber suas afinidades e diferenças, tendo como pressuposto teórico a contribuição destes autores.

Um terceiro e último momento será o de fazer uma relação com as percepções literárias do moderno dos dois autores com a discussão sobre a pós-modernidade preconizada, como já dissemos por autores como Jean François Lyotard e tensionada por Giddens, Harvey, Hall e outros.

### **3. Baudelaire e o Pintor da Vida Moderna**

Charles Baudelaire, através de sua obra *O Pintor da Vida Moderna*, despretenciosamente foi um dos que inaugurou a necessidade de reflexão sobre as transformações do cotidiano que historicamente vinham tendo um apelo temporal cada vez mais intenso. A narrativa do moderno inseriu nas sociedades uma percepção maior sobre o a questão do tempo com base em sucessivas transformações sociais cada vez mais periódicas. Estas transformações, muitas vezes, eram percebidas a partir das modificações dos espaços e movimentações urbanas que surgiam por consequência de grandes redirecionamentos econômicos como a revolução industrial européia iniciada o século XVIII. No entanto a percepção e o pensamento destas mudanças não aconteceu na mesma perspectiva temporal. Uma vez imerso na modernidade, somente a posteriori o homem se permitiu refletir sobre como viveria este “novo” momento de intensas transformações.

Podemos dizer que a obra de Baudelaire é uma das primeiras denúncias desta auto-reflexão do homem imerso no tempo moderno. A experiência urbana e a experiência estética dos sujeitos expressas no ensaio são grandes sinais das percepções de um tempo de mudanças que traz consigo uma certa insatisfação pela insurgência de periódicas mudanças que vão distanciando o homem do paradigma cartesiano da centralidade e do controle sobre o conhecimento. O início do texto já denuncia o caráter central da temporalidade presencial e um certo rompimento com o passado como centralidade, como podemos observar neste fragmento:

Estes (os pintores renascentistas), porém, representam o passado; ora é a pintura dos costumes do presente que pretendo abordar hoje. O passado é interessante, não apenas pela beleza que souberam extrair dele os artistas para que ele era o presente, mas também com o passado, pelo seu valor histórico. O mesmo se passa com o presente. O prazer que retiramos da representação do presente advém, não apenas da beleza de que pode estar revestido, mas também da sua qualidade essencial de presente (Baudelaire, 1993, p. 9).

Desta forma Baudelaire inicia seu ensaio personificando o presente sobre o olhar de um personagem anônimo chamado de Sr. G. Este anonimato não é gratuito e faz parte da narrativa do autor expressa a partir do segundo capítulo. O pintor da vida moderna tem sua morada no meio da multidão, ele “deseja estar perdido” em meio à cidade é um amante, sobretudo, da experiência estética da modernidade através da moda, das roupas e adereços femininos e das cores que registra através de sua paleta. O Sr. G., então, representa a figura do *flâneur* tão utilizada posteriormente por vários textos com o objetivo de justamente fornecer a experiência sobre a temporalidade e as sucessivas transformações. Essa modernidade é vivenciada por meio da multidão, por meio da relação do homem com o espaço urbano. A figura do *flâneur*, mais do que isso, também evoca de forma preconizada a perspectiva problemática da identidade cultural como centralidade no debate sobre o tensionamento entre o moderno e o pós-moderno. Stuart Hall, em seu conhecido texto sobre a questão das identidades culturais no pós-moderno utiliza precisamente este exemplo do *flâneur* para recolocar esta temática em nosso cotidiano:

Encontramos aqui a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima ou impessoal. Exemplos disso incluem a famosa descrição do poeta Baudelaire em “Pintor da vida moderna”, que ergue sua casa “no coração único da multidão, em meio ao ir e vir dos movimentos, em meio ao fugidio e ao infinito” e que “se torna um último corpo na multidão”, entra na multidão “como se fosse um imenso reservatório de energia elétrica”; o *flanêur* (ou o vagabundo), que vagueia entre as novas arcadas das lojas, observando o passageiro espetáculo da metrópole, que Walter Benjamin celebrou no seu ensaio sobre a Paris de Baudelaire, e cuja contrapartida na modernidade tardia é, provavelmente, o turista; “K”, a vítima anônima, confrontando por uma burocracia sem rosto na novela de Kafka, O Processo; e aquela legião de figuras alienadas da literatura e da crítica social social do século XX que visam representar a experiência singular da modernidade (Hall, 2002 p. 33).

Como podemos perceber, Stuart Hall utiliza a figura do *flâneur* e também relaciona o exemplo emblemático da obra de Baudelaire em outras obras da literatura como a de Franz Kafka e uma grande incidência desta narrativa no século XX. Como já salientamos, a obra de Baudelaire, apesar de pioneira, é um exemplo do papel da literatura com relação ao pensamento sobre a temporalidade. A figura do *flâneur* pode, por exemplo, estar perfeitamente relacionada com o sentimento niilista do

Übermensch de Friedrich Nietzsche ou com a problemática da vivência da identidade cultural no cotidiano complexificada pela técnica e pelo contato com a cibercultura, como evidencia Lemos (2004).

O personagem de Baudelaire transita entre o deslumbramento de uma criança que se admira com o novo e também o sentimento de insuficiência que tem relação com o anonimato da multidão e com o “eu insaciável do não-eu”. A experiência urbana, como salientamos está intimamente ligada com estes dois sentimentos. A necessidade freqüente de descrever mais do que narrar denuncia esta aproximação com o espaço que é presente em O Pintor da Vida Moderna. A imagem de Paris como a cidade das luzes está presente no imaginário do Sr. G. que encontra na noite o lugar para “beber a taça do esquecimento”. A iluminação noturna se contrapõe a luz solar e estabelece um espaço quase dionisíaco marcado pela frase “O Dia terminou, enfim!”.

Podemos observar que o senso estético é determinante para a percepção do moderno sob o olhar do Pintor da Vida Moderna. Baudelaire elege três figuras em que ele exerce um caráter descritivo com relação a estética do moderno: o militar, o *dandy* e a mulher. O militar personifica a figura do alinhamento do homem forte e virtuoso pela significação atribuída ao uniforme. O *dandy* é a figura do aristocrata com classe e educação que se caracteriza pela distinção, por seus hábitos e pela significação de dominação aristocrática, eminentemente. A mulher é descrita pela beleza dos trajes, pelo seu cuidado estético e pelas jóias que usam. Nestas três figuras, podemos ressaltar a experiência estética como determinante para descrever o moderno. Embora este não seja o momento, podemos mencionar a presença desta mesma experiência estética do pós-moderno. O design como um elemento cada vez mais presente nos hábitos de consumo contemporâneos e com novos desdobramentos como sua relação com a alimentação e outras instâncias que passou a ocupar. Como disse o próprio autor no início do texto: “o Belo é, senão, uma promessa de felicidade” (Baudelaire, 1993 p.10).

A figura do Homem das Multidões, como podemos observar até aqui possui um apelo hedônico que pode ser evidenciado através da descrição sobre as “raparigas” que evocam a figura da prostituta parisiense. Baudelaire descreve de forma bastante especificada a figura destas mulheres como um sinal do moderno. Da mesma forma que fez com a figura da mulher, ele resalta na rapariga a questão da beleza artificial e inclusive fazer em um dos capítulos um elogio à maquiagem. O Sr. G. vê as mulheres não apenas pelo físico meramente posto, mas também pela capacidade de sedução que as mulheres adquirem através do senso estético moderno, com os diversos adereços e uma forma de “obter a apreciação não apenas pela beleza, mas por talentos de ordem mais rara” (Baudelaire, 1993 p. 55).

Podemos dizer que Walter Benjamin aproveitou de forma integral a figura do *flâneur* oferecida através de seu ensaio “Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo”. Considerado um dos precursores do pensamento crítico, o autor, nesta obra, realiza uma vasta leitura sobre a Paris

do segundo império francês através do exemplo do *flâneur* e seu contato com o moderno. A figura da prostituta e o caráter dionisíaco da obra de Baudelaire são bastante evidenciados na obra de Benjamin a partir do aspecto urbano e também a relação feita a partir de Engels:

Só a massa de habitantes permite à prostituição estender-se sobre vários setores da cidade. E só a massa permite ao objeto sexual inebriar-se com a centena de efeitos excitantes que exerce ao mesmo tempo. No entanto, o espetáculo oferecido pelo público das ruas de uma cidade grande não tinha sobre todos nós esse efeito inebriante. Muito antes de Baudelaire ter composto seu poema em prosa *As multidões*, Engels tentava descrever a agitação nas ruas londrinas: “(...)Essas centenas de milhares de pessoas de todas as classes e situações, que se empurram umas às outras, não são todas seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões e com o mesmo interesse em serem felizes? (...) Essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados, avultam tanto mais repugnantes e ofensivos quanto mais esses indivíduos se comprimem num espaço exíguo” (Benjamin, 1989 p. 54).

O gosto de Baudelaire pelas multidões, expresso através do Sr. G. era bastante peculiar e trazia uma característica de afinidade pelo caos das ruas e a frieza do tempo moderno que incomodava Engels, como pudemos perceber neste fragmento.. Ao mesmo tempo, ao menos em *O Pintor da Vida Moderna*, podemos perceber que a satisfação em circular pelas multidões “como um imenso reservatório de energia” era acompanhada de um sentimento de insuficiência: “é um eu insaciável do não-eu que, a cada instante, o manifesta e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia” (Baudelaire, 1993 p. 18). Desta forma podemos perceber a forma com que Baudelaire descreve suas percepções sobre o espaço urbano parisiense a partir de seu personagem.

#### **4.Mário de Andrade e Macunaíma**

A escolha da obra *Macunaíma, o herói sem nenhum caráter* como objeto de estudos deste ensaio, como já mencionamos, não aconteceu de forma gratuita. Apesar de envolver um contexto diferente da narrativa de Baudelaire a obra de Mário de Andrade tem uma estreita relação com o espaço urbano, e, mais do que isso, representa um momento do nosso interesse que são as percepções da modernidade através de nosso espaço urbano. Antes de evidenciarmos estas impressões através de *Macunaíma*, é importante a menção de alguns aspectos sobre o autor. Mário de Andrade participou intensamente do movimento de quebra com o parnasianismo europeu ao ser um dos protagonistas da Semana de Arte Moderna de 1922. Sua intenção literária acompanhava o movimento inaugurado por Oswald de Andrade chamado de *antropofagia* de não apenas romper com os paradigmas literários europeus, mas reapropriá-lo a partir de uma leitura brasileira. Era um autor que, assim como Baudelaire, tinha uma intensa relação com o espaço urbano da cidade de São Paulo que, à época da

Semana, vivia um tempo de transformações urbanas e tensionamentos políticos com a insurgência da Coluna Prestes e outros acontecimentos políticos. Os grandes centros iniciavam suas constituições no País e já era possível perceber através da cena urbana os sinais da modernidade tardia. Os sinais de conflito entre uma sociedade rural que postulava seu ingresso tardio no moderno podiam ser percebidos através das fábricas, da energia elétrica, dos primórdios da telefonia e dos poucos automóveis que circulavam pela capital paulista no início do século XX. *Macunaíma* foi escrita em 1928, um ano antes da crise da bolsa Nova Iorque, e é considerada a obra-prima de Mário de Andrade por trazer influências artísticas surrealistas misturadas a um profundo conhecimento da cultura brasileira. O retrato desta constituição cultural como uma cultura essencialmente oralizada em contato tardio com a modernidade é um dos elementos desta obra que especificamente utilizaremos em nossa análise. A partir da proposta de estudar a modernidade e a identidade na América Latina, o autor chileno Jorge Larraín ressalta este momento histórico da Semana de Arte Moderna e igualmente a obra *Macunaíma* como um percurso para construção de uma identidade nacional brasileira:

On the one hand, in the decade of the 1920s there emerged in Brazil a movement of literary avant-garde which, twenty or thirty years after the emergence of Hispanic American modernism, was also named modernism. This movement basically aesthetic concerns and wanted to assimilate the novelties of the European literary avant-garde. The widely influential Mario de Andrade's *Macunaíma* and Oswald de Andrade novels (*Memórias Sentimentales de Juan Miramar*, 1924) and revolutionary manifestos (*Manifesto Antropofágico*, 1928) are its best representatives. Unlike Hispanic American modernism, Brazilian modernism linked its will to modernity with the construction of a Brazilian national identity (Larraiñ, 2000 p. 94)

O personagem do livro, como o próprio título da obra menciona, é um anti-herói que carrega diversas peculiaridades como a preguiça e um forte apelo hedônico que marca toda a narrativa. O surrealismo é marcado pelas constantes metamorfoses que *Macunaíma* sofre ao longo da história de índio negro até homem branco e também animais como insetos e peixes. A parte da história que interessa a esta análise é justamente quando o personagem toma contato com o espaço urbano paulistano, o que acontece pela necessidade de *Macunaíma* em recuperar um amuleto chamado *Muiraquitã* que está de posse de um rico fazendeiro que habitava em uma mansão de São Paulo. Apesar de fazer amplo uso do vocabulário popular brasileiro, Mário de Andrade propicia diversas quebras bruscas de linguagem durante a obra. O capítulo chamado *Cartas pras Icaimbas* é o que mais nos interessa por ser justamente uma destas trocas de linguagem que traz as percepções do personagem sobre a modernidade através do espaço urbano:

Cidade é belíssima, e grato o seu convívio. Toda cortada de ruas habilmente estreitas tomadas por estátuas e lampiões graciosíssimos e de rara escultura; tudo diminuído com astúcia o espaço de forma tal, que nessas artérias não cabe a população.

Assim se obtém o efeito dum grande acúmulo de gentes, cuja estimativa pode ser aumentada à vontade, o que é propício das eleições que são invenções dos inimitáveis mineiros; ao mesmo tempo em que os edis dispõem de largo assunto com que ganhem dias honrados e a admiração de todos, consertos de eloqüência do mais puro estilo e sublimado labor. (Andrade, 1980 p. 64)

No mesmo capítulo, Mário de Andrade ainda ressalta uma certa insatisfação com o moderno através da insurgência da técnica:

E não contentes com essa poeira ser erguida pelo andar dos pedestrianistas e por urrantes máquinas a que se chamam “automóveis” e “elétricos”, (empregam alguns a palavra Bond, voz espúria, vinda certamente do inglês) contratam os diligentes edis, uns antropóides, monstros hipocentáureos azulegos e monótonos. (Andrade, 1980 p. 64)

Não só no capítulo *Cartas pras Icaimbas* o choque com o moderno é descrito pelo personagem. Quando o personagem, vindo da mata, chega à cidade ele descreve suas impressões da seguinte forma:

Que mundo de bichos! que despropósito de papões roncando, mauaris juruparis sacis e boitatás nos atalhos das socavas nas cordas dos morros furados por grotões donde gentama saía muito branquinha branquíssima, de certo a filharada da mandioca! (...) aqueles piados berros cuquiadas sopros roncros esturros não eram nada disso não, eram cláxons campainhas apitos buzinas e tudo era máquina. As onças pardas não eram onças pardas, se chamavam fordes hupmobiles chevrolés dodges marrons e eram máquinas. Os tamanduás, os boitatás as inajás de curuatás de fumo, em vez eram caminhões bondes autobondes anúncios-luminosos relógios faróis rádios motocicletas telefones postes chaminés... (Andrade, 1980 p. 32).

A partir destes fragmentos podemos observar a insatisfação do personagem Macunaíma com o que percebeu na cidade de São Paulo. O deslumbramento com a experiência urbana é acompanhada de um sentimento de insatisfação quanto às multidões. A impressão é de que o crescimento desordenado da cidade, já nos anos 20, não comportava sua demografia como denuncia a carta com linguagem formal inserida em meio a uma obra permeada de vocábulos indígenas e populares. Também nos outros fragmentos observa-se uma relação conflituosa com a técnica. Os automóveis eram onças pardas, os anúncios luminosos eram boitatás, ou seja, o moderno condicionava o homem ao estranhamento, o deslumbramento era acompanhado da insatisfação na percepção de Macunaíma.

#### **4.1 Modernidade tardia**

A impressão inóspita do moderno através da obra Macunaíma pode ser compreendida através de uma perspectiva da vivência tardia do tempo moderno pelos países da América Latina expressa a partir do trabalho como Jorge Larraín e José Joaquín Brunner, dois autores chilenos que

contribuíram para o pensamento da modernidade específica vivida pelos países latino-americanos. O primeiro deles, Larraín, além de ter sido um dos diretores do Centre of Contemporary Cultural Studies (CCCS) na cidade de Birmingham, Reino Unido, desenvolveu um trabalho sobre a identidade cultural na América Latina através de seu livro *Identity e Modernity in America Latina* (2000). Neste ensaio o autor propõe uma trajetória específica dos países latinos até a modernidade tardia dividida em cinco fases: (1) da independência até 1900 com a modernidade oligárquica, atrelada aos colonizadores, (2) de 1900 até 1950 com a crise da modernidade oligárquica e a insurgência da modernização populista, (3) do pós-guerra até 1970 com a expansão das indústrias, (4) de 1970 até 1990 com o período das ditaduras e (5) de 1990 até os dias de hoje com o neo-liberalismo e a vivência de uma modernidade tardia. O que de mais importante há nesta trajetória é justamente o fato de Larraín identificá-la como específica, diferente, sobretudo na temporalidade, da narrativa moderna européia e americana. A partir desta idéia a modernidade latino-americana foi vivenciada em um período de tempo diferente do modelo europeu. Absolutamente não houve o mesmo tempo para vivência do moderno e a introdução das sociedades neste paradigma ainda está acontecendo. Os processos de independência dos países aconteceram de forma tardia e, no caso do Brasil, a transição de sociedade rural para organização urbana e industrial ocorreu, na sua totalidade, em cerca de 50 anos. Apesar desta grande diferença temporal a mesma concepção do moderno ocidental foi utilizada como paradigma político pelos países. A obra Macunaíma, que estamos abordando nesta análise, situa-se justamente na segunda fase proposta por Larraín onde ocorre a crise com a modernidade oligárquica e a insurgência de regimes populistas nos países. Como ressalta o autor, esta crise acontece em concomitância com a primeira crise da modernidade européia e o *crash* na bolsa de valores de Nova Iorque em 1929:

But the consequences of the crisis are specific to Latin America: the oligarchic power begins to crumble, the so-called 'social question' comes to the fore, new populist regimes emerge which widen the franchise and incorporate the middle classes into government, and process of import-substituting industrialization are initiated. Thus, while in Europe a crisis of liberal is experienced, in Latin America it is the prevailing oligarchic and aristocratic export-oriented system that enters into its terminal phase, and incipient industrialization process start with some success. (Larrain, 2000 p. 22)

O que se pode observar neste contexto é um grande choque entre o tradicional das sociedades latino-americanas com a narrativa do moderno ocorrido em um curto espaço de tempo. Esta análise do tensionamento entre tradicional e moderno é complementada através da contribuição do segundo autor chileno, José Joaquín Brunner, que propôs através de seu trabalho uma cartografia da modernidade na América Latina. Um dos primeiros pressupostos de Brunner é justamente o tensionamento entre o tradicional e o moderno não como oposição, mas como temporalidades que coabitam. Ao contrário de

autores como Anthony Giddens que percebem um cisma entre a vivência do tempo moderno e a tradição, o autor propõe uma temporalidade específica onde o tradicional e o moderno ocorrem de forma concomitante (Brunner, 1994 p. 25). Mas sua principal idéia, que permite uma contextualização para nosso exemplo literário é concepção do autor da modernidade como vivência. A partir de um cruzamento entre “modos culturais puros”, Brunner tenta demarcar esta vivência na América Latina como um conjunto de experiências modernas a partir dos modos culturais:

En cambio, si hay un rasgo común que resulta de todos esos procesos, él es el de la massificación de las sociedades modernas, juzgado no a lo Ortega y Gasset, sino que entendido aquí como una multiplicación e inusitada difusión de las “experiencias modernas”, hecha posible precisamente por los fenómenos urbanos de mercado, escolarización, burocratización, ritualización de la vida, etc. (Brunner, 1994 p. 39)

Esta vivência da modernidade, a partir dos modos culturais puros, se caracteriza como uma experiência radical, tal qual evidenciada pelo Pintor da Vida Moderna e igualmente por Macunaíma em sua incursão pela cidade de São Paulo. Especificamente, no caso da última obra este contato com a modernidade acontece de forma particular pelo modo como a modernidade foi vivenciada no âmbito latino-americano. No entanto estes cruzamentos serão o objetivo da próxima parte. O que pretendemos com esta aproximação sobre feita até aqui foi sinalizar as relações de contexto da obra não apenas em seus próprios limites, mas também com a percepção de contexto em que foram produzidas. Esta inclinação tem relação com alguns direcionamentos metodológicos dos estudos culturais de uma certa aproximação etnográfica que remontam aos primeiros trabalhos do centro de Birmingham protagonizados por Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward Palmer Thompson. A seguir faremos algumas relações entre as percepções da modernidade entre as duas obras.

## **5. A modernidade a partir de Baudelaire e Mário de Andrade**

Como já salientamos no início deste texto, nossa proposta foi a de utilizar duas produções literárias com diferentes contextos (um europeu e outro latino-americano) e observar suas percepções do moderno principalmente a partir da descrição dos espaços urbanos expressas nas narrativas. Em acordo com alguns aportes teóricos que utilizamos até aqui, pode-se perceber que são duas vivências do tempo moderno que ocorrem sobre condições e temporalidades distintas. A obra de Baudelaire é um recorte da experiência urbana da modernidade europeia em uma temporalidade apropriada e a de Mário de Andrade pode ser situada sobre um tensionamento de transição do rural para o urbano e de início da vivência de uma modernidade a partir de um curto espaço de tempo. Podemos considerar esta diferença como uma premissa para a leitura dos textos. Ou seja, a análise está

situada não apenas na descrição literal da experiência como sobre o contexto em que foram realizadas estas produções. Nossa intenção é estabelecer relações claras entre contexto e texto literário para que possamos compreender as concepções do moderno.

### 5.1 O moderno como deslumbramento e agonística

Uma importante congruência entre as duas obras está no fato da percepção da experiência moderna como uma experiência de deslumbramento, mas também de descontentamento. O encantamento com as cidades é presente nas duas produções como uma primeira impressão dos espaços urbanos. Antes de qualquer repúdio a cidade é descrita como um grande espetáculo. Sobretudo em *O Pintor da Vida Moderna* a experiência urbana é exemplificada a partir do contato com as luzes e com a noite, como podemos observar no seguinte fragmento:

Mas a tarde chegou. É a hora estranha e duvidosa em que as cortinas do céu se fecham, em que as cidades se iluminam. O gás de iluminação imprime uma mancha sobre o púrpura do pôr-do-sol. Honestos e desonestos, sensatos ou loucos, os homens dizem a si mesmos: “o dia terminou, enfim!”. Os sábios e os maus sujeitos pensam no prazer, cada um acorre ao lugar de sua escolha para beber a taça do esquecimento. (Baudelaire, 1993 p. 19).

Podemos observar que a noite parisiense exerce um fascínio sobre o *Pintor da Vida Moderna*, a declaração de um outro tempo demarcado pelas luzes artificiais que traz um tempo de prazer ligado à questão do hedônico como veremos em outro aspecto. A obra de Mário de Andrade, igualmente descreve o fascínio do herói Macunaíma ao descrevê-la na *Carta pras Icaimbas*:

Cidade é belíssima, e grato o seu convívio. Toda cortadas de ruas habilmente estreitas tomadas por estátuas e lampiões graciosíssimos e de rara escultura; tudo diminuído com astúcia o espaço de forma tal, que nessas artérias não cabe a população. (Andrade, 1980 p. 64)

Nas duas descrições o moderno exerce um fascínio sobre o olhar dos personagens. Sejam as luzes da noite parisiense ou o desenho urbanístico paulistano, à primeira vista fascinam os expectadores da cidade e exacerbam a experiência do moderno. Esta experiência de deslumbramento está intimamente ligada com as narrativas totalizantes da modernidade que, nas duas sociedades latino-americana e européia, foram vivenciadas em temporalidades diferentes recortadas pelas obras. Esta narrativa totalizante constituiu um conjunto de promessas não cumpridas pelo moderno: o urbano como modo de organização social para melhoria das condições de vida das pessoas, a técnica moderna como

inauguração de uma vida mais prática (através da energia elétrica, da iluminação artificial e outras benesses). A narrativa destas novidades foi significada como um grande conjunto de promessas que corriam o risco de não serem cumpridas ou até mesmo estes elementos serem causadores de outros novos problemas. Então, esta condição do moderno como promessa traz em si uma ambigüidade evidenciada por Brunner:

En efecto, la experiencia de la modernidad aparece desgarrada por una ambigüedad fundamental: “ser moderno es encontrarnos en um medio que nos promete aventura, poder, alegría, crecimiento y transformación de nosotros mismos y del mundo y que, al mismo tiempo, amenaza con destruir todo lo que tenemos, todo lo que sabemos, todo lo que somos” (Brunner, 1994 p. 93).

Esta ambigüidade do moderno é identificada nos textos, particularmente na obra de Mário de Andrade com o relato das insatisfações sobre o espaço urbano. O deslumbramento quase sempre é acompanhado pelo estranhamento com a percepção do tempo moderno. No mesmo capítulo intitulado *Carta pras Icaimbas*, o relato de Macunaíma ao mesmo tempo em que se deslumbra com a capital paulista apresenta seus problemas e insatisfações causadas, por exemplo, por diversas epidemias que assombravam a população das cidades no início do século XX. Como salientamos anteriormente a partir da perspectiva de Jorge Larraín, a modernidade latino-americana foi vivenciada a partir de uma temporalidade específica. Ao mesmo tempo em que ingressava no tempo moderno o País não conseguira sanar suas epidemias por não prover saneamento e prevenção adequados à população. Apesar de ser apenas uma especificidade, este recorte serve como exemplo de como a vivência da modernidade tem adjunta uma perspectiva agonística. Além disso, a experiência urbana é encarada com um certo estranhamento por Macunaíma, os automóveis e máquinas que trazem a promessa de conforto têm um caráter quase ameaçador a partir deste fragmento da obra de Mário de Andrade:

As ditas artérias (ruas) são todas recamadas de ricocheteantes papeizinhos e velívolas cascas de frutos; e em especial duma finíssima poeira, e mui dançarina, em que se desparagem diariamente mil e umas espécimes de vorazes macróbios, que dizimam a população. Por esta forma resolveram, os nossos maiores, o problema da circulação; pois que tais insectos devoram as mesquinhas da ralé e impedem o acúmulo de desocupados e operários; e assim se conservam gentes e, número igual. E não contentes com essa poeira ser erguida pelo andar dos pedestrianistas e por urrantes máquinas a que se chamam “automóveis” e “elétricos” (empregam alguns a palavra Bond, voz espúria, vinda certamente do inglês) contratam os diligentes edis, uns antropóides, monstros hipocentáureos azulegos e monótonos. (Andrade, 1980 p. 64)

Já Baudelaire não demonstra em sua obra uma insatisfação direta com o moderno. Muito pelo contrário, sua obra é um grande elogio à modernidade como experiência estética e urbana. Em uma de suas passagens mais célebres o *Pintor da Vida Moderna*, no entanto, traz um outro tipo de insatisfação do “eu-insaciável” que flana pelas ruas de Paris:

O amante da vida universal entra assim na multidão como um imenso reservatório de eletricidade. Pode-se compará-lo, ele mesmo, a um espelho tão imenso quanto esta multidão; a um caleidoscópio dotado de consciência que, em cada um dos seus movimentos, representa a vida múltipla e a graça móvel de todos os seus elementos. É um eu insaciável do não-eu que, a cada instante, o manifesta e o exprime em imagens mais vivas do que a própria vida, sempre instável e fugidia. (Baudelaire, 1993 p. 18)

Apesar de constituir uma referência para o pensamento do pós-moderno, a concepção de Jean François Lyotard pode ser associada a este sentimento de insatisfação que acompanhou a percepção da modernidade. Lyotard propõe o tempo pós-moderno como um problema epistemológico de crise dos instrumentos de legitimação:

Desta decomposição dos grandes relatos, que analisaremos mais adiante, segue-se o que alguns analisam como a dissolução do vínculo social e a passagem das coletividades sociais ao estado de uma massa composta de átomos individuais lançados num absurdo movimento browniano. Isso não é relevante, é um caminho que nos parece obscurecido pela representação paradisíaca de uma sociedade “orgânica” perdida. (Lyotard, 2004 p. 28).

Esta decomposição dos relatos denunciada por Lyotard, obviamente, não é contemporânea ao tempo das obras propostas neste trabalho, no entanto servem de norte para observarmos a modernidade como uma narrativa totalizante que deslumbra e ao mesmo tempo coloca os agentes sociais em uma perspectiva agonística.

## **5.2 A experiência estética como sinal do moderno**

Outro aspecto encontrado como percepção do moderno nas duas obras foi a experiência estética e um forte apelo da modernidade como hedonismo. O *Pintor da Vida Moderna* de Baudelaire, entre as duas obras, é o exemplo mais rico desta percepção. O ensaio do poeta francês evidencia em quase toda sua abordagem a descrição da modernidade a partir de um senso estético presente em todas as percepções. A descrição dos três personagens escolhidos pelo autor (o militar, o *dandy* e a mulher) acontecem eminentemente por fatores estéticos. Para o *Pintor da Vida Moderna* a experiência do moderno está radicalmente ligada com o senso estético, particularmente a moda e a estética feminina é utilizada para exemplificar esta percepção como no exemplo do capítulo *Elogio da Maquilagem*:

A moda deve ser, portanto, considerada como um sintoma do gosto do ideal, flutuando no cérebro humano, acima de tudo aquilo que a vida natural vai acumulando ali de grosseiro, terrestre e imundo, como uma deformação sublime da natureza. Tem-se também feito, com sensatez (sem descobrir a razão), que todas as modas são encantadoras, ou seja, relativamente encantadoras, sendo cada uma delas um novo esforço mais ou menos feliz, em direção ao belo, uma qualquer aproximação a um ideal, cujo desejo palpita incessantemente no espírito insatisfeito do homem. (Baudelaire, 1993 p. 50).

Como percebemos, na visão de Baudelaire, a modernidade é percebida através do belo, das roupas e faces das mulheres. Podemos dizer que este caráter descritivo permeia toda o ensaio e é retomado por diversas vezes pelo autor. Michel Maffesoli, no livro *O Mistério da Conjunção*, apesar de, assim como Lyotard, referir-se a uma temporalidade posterior a utilizada em nossas obras traz uma perspectiva do senso estético como um ponto de ancoragem e afinidade:

Eis a hipótese central da minha análise: o paradigma estético é o instrumento que permite compreender toda uma constelação de ações, de sentimentos e de atmosferas específicas do espírito do tempo moderno. Tudo aquilo que tem ligação com o presenteísmo, no sentido de oportunidade, tudo o que remete à banalidade e à força agregativa, ou seja, a crescente valorização do *carpe diem*, encontra na matriz estética um ponto de afinidade e ancoragem. (Maffesoli, 2005 p. 70)

Como pudemos perceber a valorização do senso estético, de acordo com Maffesoli, estabelece uma ancoragem na modernidade. Empiricamente podemos perceber uma crescente na experiência estética dos sujeitos desde o advento do tempo moderno. O estético tem um espaço considerável na experiência urbana cotidiana, por exemplo. Apesar de posterior ao tempo de nossos objetos, a idéia de Maffesoli pode ser uma premissa para compreensão da exacerbação do estético através do olhar de Baudelaire.

Em Macunaíma, embora de forma menos intensa, podemos encontrar a mesma exacerbação da experiência estética expressa pelo Pintor da Vida Moderna a partir da cena em que o herói da história entra em uma mansão para recuperar sua pedra preciosa:

O assoalho era um xadrez de muirapiranga e pau-cetim. A alcova estava mobiliada com as famosas redes brancas do Maranhão. Bem no centro, havia uma mesa de jacarandá esculpido arranjada com louça branco-encarnada de Breves e cerâmica de Belém, disposta sobre uma toalha de rendas tecidas com fibras de bananeiras (Andrade, 1980 p. 39).

Podemos perceber o caráter descritivo deste trecho da história que na obra é um pouco mais extenso. Embora de uma forma particularizada, observa-se uma exacerbação da experiência estética assim como as mulheres de Baudelaire. Os objetos do ambiente são descritos de forma minuciosa com uma

significação do luxo.

### 5.3 O hedônico como experiência do moderno

Outro ponto comum quanto a percepção da modernidade através dos espaços urbanos é um forte apelo hedônico com relação à prostituição e ao sexo de forma geral. A própria figura do *flâneur* é desenhada a partir de um sujeito boêmio, amante da noite e das raparigas. Baudelaire destina, inclusive um capítulo em homenagem às raparigas e cortesãs parisienses. O Pintor da Vida Moderna fornece inúmeras descrições estéticas na figura da prostituta, desde as jóias até sua capacidade de sedução:

As considerações relativas a cortesã, podem, até certo ponto, aplicar-se à comediante; pois, também ela, é uma criatura de aparato, um objeto de prazer público. Mas aqui a conquista, a presa, é de uma natureza mais nobre, mais espiritual. Trata-se de obter a apreciação geral não apenas pela pura beleza física, mas também por talentos de ordem mais rara. Se, por um lado, a comediante se aproxima da cortesã, por outro lado, confina com o poeta. (Baudelaire, 1993 p. 53).

Mário de Andrade, através da construção do personagem Macunaíma, também priorizou o hedônico como uma forte característica de seu anti-herói. Durante a história e as várias metamorfoses do protagonista as relações sexuais com as mulheres são freqüentes e caracterizadas como “brincar”. Quanto à percepção do espaço urbano, novamente no capítulo Cartas pras Icaimbas, encontramos uma referência a prostituição:

Sabereis mais que as donas de cá não se derribam a pauladas, nem brincam por brincar gratuitamente, senão que a chuvas do vil metal, repuxos brasonados de champagne, e uns monstros comestíveis, a que, vulgarmente dão o nome de lagosta. (Andrade, 1980 p. 60)

A experiência dionisíaca então pode ser percebida como um sinal do tempo moderno pelas duas obras. Particularmente o recorte do Pintor da Vida Moderna evidencia de forma contundente o hedônico e o dionisíaco como uma forma de vivência do moderno. Novamente vamos utilizar uma premissa de Michel Maffesoli do sexo como afirmação do presencial, do estar-junto: “A circulação do sexo, assim como a circulação de bebidas fermentadas, enraíza o estar junto no seu substrato natural” (Maffesoli, 2005 p. 35).

Charles Baudelaire e Mário de Andrade, apesar de em tempos e contextos distintos, através de suas obras, forneceram diversas pistas para uma percepção da modernidade através dos espaços urbanos. Assim como estas obras tantas outras expressões artísticas muitas vezes estabelecem um papel profético de percepção do tempo. De forma muito simples, procuramos, nesta análise, exemplificar

duas destas composições que permitem uma contextualização e a percepção da vivência do moderno através de suas percepções.

## **6.Referências Bibliográficas**

- 1.ANDRADE, Mário de. Macunaíma, o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte: Martins Editora, 1980
- 2.BAUDELAIRE, Charles. O Pintor da Vida Moderna. tradução de Tereza Cruz. Portugal Lisboa: Vega Passagens, 1993
- 3.BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo, tradução de José Martins Barbosa, Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1989
- 4.BRUNNER, José Joaquín. Cartografias de la modernidad. Santiago Chile: Dolmen Ediciones, 1994
- 5.HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade, tradução Tomaz Tadeu da Silva,Guaracira Lopes Louro - 7ª edição. Editora DP&A. São Paulo 2002.
- 6.LARRAIN, Jorge. Identity and Modernity in Latin America. Cambridge: Polity Press, 2000.
- 7.LEMOS, André. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2004
- 8.LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. 5. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- 9.MAFFESOLI, Michel. O Mistério da Conjunção ensaios sobre a comunicação, corpo e socialidade; tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.